

**Redes de ódios sociais: a difusão de preconceitos
contra gênero e orientação sexual no *Facebook***

***Social networks of hatred: the diffusion of prejudice against
gender and sexual orientation on Facebook***

Sergio do Espírito Santo FERREIRA JUNIOR¹
Kristopher Jon Peter SAMUEL²

Resumo

Este trabalho busca analisar a produção e a difusão de preconceitos em sites de redes sociais, especificamente no *Facebook*, a partir da página *#Orgulho de ser Hetero*. Devido ao fenômeno do crescimento e maior visibilidade dos discursos sociais contra gênero e orientação sexual nos ambientes digitais, destacamos a natureza dos preconceitos presentes nestes ambientes e que encontramos na página acima citada. Para realizar a análise das informações presentes na página, realizamos uma reflexão sobre a emergência dos preconceitos em mídias sociais, além da relação entre identidade, comunidade e participação nos ambientes virtuais. Utilizamos também da ferramenta especializada de extração de dados *NetVizz*, para obter os dados que se constituem no objeto de análise.

Palavras-chave: Redes sociais; gênero. Orientação sexual. Preconceito. Facebook.

Abstract

This paper analyzes the production and dissemination of prejudices on social networking websites, specifically from the fan page *#Orgulho de ser Hetero* on Facebook. Because of the growth of this phenomenon and the increased visibility of social discourses against gender and sexual orientation in the digital environment, the nature of the present prejudices in these environments is highlighted and analyzed. To perform the analysis of the information encountered on the fan page, a reflection on the emergence of prejudice in social media was conducted, in addition to contemplating the relationship between identity, community, and participation in virtual environments. The specialized tool *NetVizz* was used to extract data from the fan page in order to constitute the object of analysis.

Key-words: Social Networks. Gender. Sexual Orientation. Prejudice. Facebook.

¹ Graduando do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal do Pará. E-mail: esferreira.sergio@gmail.com

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal do Pará. E-mail: kristopher.samuel@hotmail.com

Introdução

As redes sociais digitais inserem uma série de novos processos nas modalidades de comunicação e interação, que passam a ser rearranjadas e reconfiguradas, sem que, no entanto, deixe-se de destacar o papel da mídia como instituição que se constitui como espaço de mediação social. Podemos pensar, com J. B. Thompson que a mídia pode ser considerada ainda uma instituição dotada de poder simbólico, definido como a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 24). Essa reflexão pode referir-se às ditas comunicações de massa, que se constituem, na perspectiva do autor, como processos assimétricos e que se caracterizam pela pluralidade de receptores, mas é bastante adequada também para pensarmos a mídia nesse arranjo com o qual nos deparamos.

Em outras palavras, este novo arranjo é uma configuração relacionada com a ideia de que esses âmbitos de interação, que são as mídias sociais³, fazem parte do que Sodré (2010) chama de “tecnocultura”, que é uma nova maneira de mediação social, a “mídiatização” em que emerge uma nova eticidade⁴, em que o consumo, o individualismo, a dificuldade de aceitação do outro, entre outros aspectos, marcam:

uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. (SODRÉ, 2010, p. 27).

³ Cumpre fazer algumas ressalvas em relação à utilização dos termos. Recuero (2009) faz uma diferenciação relevante entre as redes sociais na internet, que seriam as relações e as consequentes interações que se estabelecem nos ambientes virtuais, e os sites de redes sociais que são os espaços virtuais, que funcionam em determinada interface e no qual se estabelecem as redes sociais digitais. Os sites de redes sociais (SRSs) são, na perspectiva dessa autora, “sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (2009, p. 102). Para os fins deste trabalho, no entanto, utilizamos os termos mídias sociais e redes sociais digitais com o mesmo significado, a saber, o dos sites de redes sociais.

⁴ O conceito de eticidade desenvolvido por Sodré (2010) tem como principal foco discutir as mudanças sociais provocadas pela mídia e a sua adesão aos modelos de vida, em que uma das consequências é a alteração das práticas e valores sociais e seus rearranjos em novos espaços, como os virtuais, por exemplo. Ele afirma existir na contemporaneidade uma nova eticidade, que a partir da realidade virtual altera as relações, os valores e a própria consciência do sujeito. Portanto, esses sujeitos interagem tanto com as novas formas de representação da realidade quanto as mais tradicionais, formando o fenômeno de tecnocultura.

É nesse processo em delineamento na contemporaneidade, portanto, que vemos a intersecção de fatores como experiência, valores, crenças dos atores estão engajados em processos de interação mediada em ambientes virtuais. Com base nisso, o aspecto, sobretudo, da dificuldade da aceitação do outro e da projeção do outro como dissidente, que são parte de práticas hegemônicas e consolidadas no tecido social, é aquele que o nosso olhar e recortes contemplam, à medida que cremos ser necessário problematizar as questões relativas à essa eticidade e a tais modalidades de mediação.

O presente trabalho busca analisar a produção e difusão de preconceitos nas mídias sociais, especificamente no *Facebook*, a partir da página *#Orgulho de ser Hetero*, cuja escolha se deve a um fenômeno do crescimento e da maior visibilidade de discursos sociais de ódio, definidos sobretudo pela negação da diferença, nesses ambientes digitais, de modo que é necessário destacarmos a natureza dos preconceitos com os quais lidamos aqui e que encontramos na página acima citada. Trata-se, sobretudo, de preconceitos contra gênero e orientação sexual, marcadamente o machismo, a misoginia e a homofobia, cujos alvos são sempre a mulher e o homossexual (mormente o masculino), em relação a quem o ódio parece se intensificar nesses ambientes virtuais.

Dito isso, podemos constatar que alguns desafios se interpõem à nossa análise, dada a necessidade de olhar esse fenômeno midiático que, mesmo com as suas especificidades recentes, requer um olhar sobre formações socioculturais, questões contextuais e históricas específicas dos lugares em que se manifesta, como também a compreensão de que algumas de suas principais características perpassam o fato de que “uma das causas centrais da violência na contemporaneidade é a negação da diferença. O não reconhecimento do outro como pessoa.” (MAGALHÃES; SOUZA, 2011, p. 54).

Outras ideias, advindas da teoria social contemporânea, que problematizam as relações humanas e as questões relativas aos preconceitos, em interface com a discussão a partir da área da Comunicação, serão acionadas ao longo do trabalho, para que possamos ter uma maior compreensão desse fenômeno, vinculado que está às alterações nas mediações sociais, nos espaços de interação do ser humano e na emergência de uma ética muito característica desses processos sociais.

Mídias sociais e preconceitos

A difusão e manutenção de preconceito, que redundam em violências as mais diversas, diz respeito à circulação e difusão de formas culturais, ou formas simbólicas, que estão inseridas em contextos sociais e históricos específicos e são construções significativas estruturadas, formas que “não subsistem num vácuo, elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sócio-históricas específicas” (THOMPSON, 1995, p. 366). Em razão disso, não podemos pensar a manifestação de preconceitos nas mídias sociais desvinculando-a das práticas sociais, à medida que as mídias sociais tornam-se mais um espaço do cotidiano, que é marcado por tensionamentos, pela realimentação e pela competição de discursos sociais.

Sabe-se que a violência e o preconceito aqui destacados são práticas sociais instituídas anteriormente às mídias sociais, mas cujas manifestações nesses ambientes, no entanto, indicam um agravamento social nas ideias de normalização e de conformação das práticas. Há a perpetração de uma espécie de regime de verdade sobre sexualidade conforme di-lo Foucault (2006), que emerge na sociedade burguesa, que elabora para essa questão a necessidade de ser legitimada em sua normalidade, relegando para as práticas diferentes das legitimadas o estatuto da interdição, bem como o do exercício do poder e da repressão. Repressão que vai das práticas institucionalizadas de medicalização e judicialização⁵ das sexualidades dissidentes até a difusão de discursos que desumanizam e inferiorizam a mulher e o homossexual, encontrando adesão em microrrelações cotidianas, como as da mídia social, mas também como qualquer outra que faça parte da experiência do vivido.

Voltando à questão dos preconceitos que pretendemos destacar, começamos pela homofobia, cuja definição mais amplamente aceita hoje dá conta de que se trata da produção e manutenção de sentimentos negativos em relação a homossexuais e à homossexualidade que se manifesta em campos sociais, ainda que o termo tenha outras

⁵ As ideias de medicalização/patologização têm a ver com a concepção de uma “ordem natural” das sexualidades (heteronormativa), ao encontro da qual práticas e identidades como a homossexualidade e a transexualidade são vistas como desvio, como patologia; e a judicialização tem a ver com a moral e costumes vigentes, que, pelo menos até o século passado, faziam com que o âmbito jurídico restringisse essas práticas e identidades dissidentes, inclusivamente, punindo-as. (cf. FOUCAULT, 2006; CARRARA, VIANNA, 2004).

raízes, relacionadas com a patologização da homossexualidade (JUNQUEIRA, 2007). Sobre essa questão, cumpre destacar que:

A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais (gays e lésbicas), bissexuais, transgêneros (especialmente travestis e transexuais) etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (JUNQUEIRA, 2007, p. 153).

Não sendo nosso objetivo fazer uma revisão teórica do debate sobre homofobia, mas fornecer algumas interpretações que têm interface com o que observamos a partir do campo da Comunicação, podemos afirmar que a heteronormatividade é construída como padrão social à medida que:

os discursos e as práticas que constituem o processo de masculinização implicam na negação de práticas ou características referidas ao gênero feminino e essa negação se expressa, muitas vezes, por uma intensa rejeição ou repulsa dessas práticas e marcas femininas. (LOURO, 2009, p. 91-92).

É em parte essa negação que é o denominador comum entre homofobia, machismo, misoginia, que se constituem como alguns dos principais preconceitos contra gênero e orientação sexual, a partir dos quais são definidos quem são esses “outros” sociais.

Na minha concepção...



Figura 1: Imagem publicada na página #Orgulho de ser Hetero, contendo mensagem heteronormativa

Nesse sentido, podemos dizer também que o machismo caracteriza-se pela ideia da inferiorização da condição feminina, em prol da afirmação da dominação masculina. Reforça práticas de violência simbólica e física, além de sanções sociais às mulheres, cujo estatuto nesse sistema é o de objeto. Está relacionado com a ideia de que a mulher deve ser controlada, pois a sua liberdade representaria ameaça às instituições, como a Igreja, o Estado, a economia, a moral, pois, como propriedade masculina, não poderia ser afetada, devendo antes ser controlada para garantir a manutenção do *status quo* (DABHOIWALA, 2013).

Essa explanação, conquanto não dê conta da complexidade desses conceitos, evidencia alguns dos principais aspectos dos preconceitos manifestos em páginas como a #Orgulho de ser Hetero, cujo objetivo é de reafirmação do padrão da heteronormatividade, em que homossexuais e a mulher têm o espaço marginal bem definido, não ocupando o espaço de um suposto “homem de verdade”.

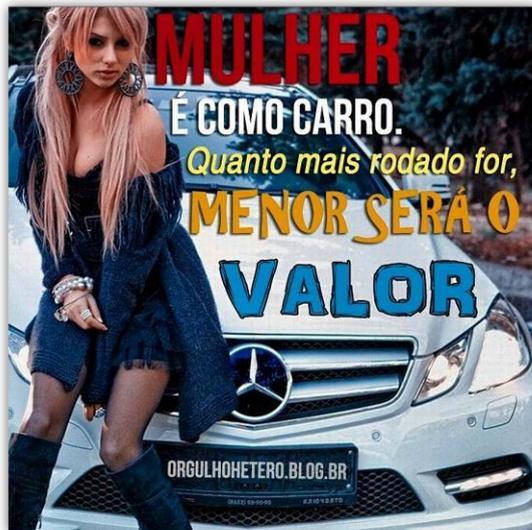


Figura 2: Imagem publicada na página #Orgulho de ser Hetero, contendo mensagem machista misógina

O que se questiona, juntamente a essa reafirmação das práticas normalizadas, é o tipo de adesão ou engajamento que esse processo enseja, uma vez que é um fenômeno que intercepta âmbitos do cotidiano, pois, com essa publicização nas mídias sociais “esse discurso de ódio pode encontrar ressonância. E uma vez que encontre, ele é legitimado por outros grupos, seja através de concordância, apoio, curtidas, compartilhamentos etc.” (RECUERO, 2014). E não se trata de uma ação meramente técnica na interface da mídia social, antes tem repercussões no tecido social, pois não podemos desvincular esses fenômenos da manutenção de preconceitos e práticas discriminatórias, que são realimentados pelas mensagens significativas que são difundidas nesse espaço, de modo que esse “discurso torna-se mais aceito e seu enunciador, mais certo de que aquilo é ‘verdadeiro’. Esse mecanismo funciona tanto para discursos que consideramos legais [...] quanto para discursos que consideramos intolerantes”. (RECUERO, 2014). É esse, portanto, o ponto da reflexão que se segue.

Identidade, comunidade e participação nos ambientes virtuais

Conforme expresso por Hall (2006), a pós-modernidade tem sido marcada pelo descentramento das identidades culturais, que são aqueles aspectos identitários que surgem do nosso pertencimento a variadas culturas (étnicas ou nacionais, por exemplo).

O autor afirma que, na atualidade, as identidades modernas entram em colapso e que perdemos o sentido de nós mesmos como sujeitos integrados e estáveis, pois na contemporaneidade as nossas identidades seriam fragmentadas, múltiplas e mutáveis.

Para clarificar sua proposta, Hall faz uma distinção entre três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Cumpre observarmos a ideia do sujeito pós-moderno, que seria “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006. p. 13). A multiplicidade de sistemas de significação e representação cultural da contemporaneidade confrontaria o indivíduo com uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006. p. 13).

Assim, o sujeito pós-moderno pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos e também pertencer a comunidades distintas. Se no passado as identidades e classificação de comunidades eram centradas em aspectos únicos, tais como origem nacional, classe social ou “determinada fundamentalmente pelo trabalho produtivo desempenhado na divisão social do trabalho” (BAUMAN, 2005, p. 51 apud NÓBREGA, 2010); hoje, novas e múltiplas identidades surgem, como as baseadas em raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, gostos estéticos, modo de vestir, prática de *hobbies* e mais uma infinidade de possibilidades, que também podem se inserir em espaços que retratam cada uma dessas identidades. Em razão disso e do objeto por nós escolhido, cumpre destacar alguns aspectos.

Um deles é o que definimos em termos como “dicotomia” entre comunidade física *versus* comunidade virtual. Considerando a fragmentação e multiplicação identitária do indivíduo, como podemos entender a interação e o uso pelos indivíduos nos espaços físicos e virtuais hoje? Dados sobre a realidade do acesso à internet no Brasil podem ajudar a compreender esse quadro. De acordo com o Plano Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), relativo a 2013, cerca de metade dos brasileiros, um total de 86,7 milhões ou 50,1% da população, possuía acesso à internet. Portanto, podemos afirmar que nos últimos 10 anos, o acesso crescente à internet influenciou a participação e formação das redes sociais no âmbito virtual.

Para entender a formação destas comunidades virtuais precisamos considerar que as comunidades físicas que formamos no "mundo concreto" podem se estender para o "mundo virtual", confirmando a ideia da não separação dos espaços físicos e virtuais do cotidiano do indivíduo. De acordo com o McLuhan (1964), o homem tende a criar extensões do seu próprio corpo. Portanto, tomando essa lógica como premissa, podemos dizer, a partir do autor, que o rádio foi criado como extensão da boca, o carro como extensão das nossas pernas, e o computador dos nossos cérebros.

Contemplar, utilizar ou perceber uma extensão de nós mesmos sob forma tecnológica implica necessariamente em adotá-la. Ouvir rádio ou ler uma página impressa é aceitar essas extensões de nós mesmos e sofrer o "fechamento" ou deslocamento da percepção, que automaticamente segue. (MCLUHAN, 1964, p. 64)

Seguindo esta mesma lógica, levando em conta nosso contexto social contemporâneo, consideramos que também o homem adotou a tecnologia para facilitar suas tarefas, e por meio da internet criou as redes sociais digitais, como "objetos-extensões-de-nós-mesmos" (1964, p. 64), mas principalmente das nossas relações humanas no mundo físico. As comunidades que são formadas pelos indivíduos de várias redes no nosso dia-a-dia também fazem parte deste "delírio espacial" (MORAES, 2006), que se caracteriza pela navegação incessante em ambientes virtuais justificados por nossos ambientes físicos. Sodré (2006), conforme exposto anteriormente, considera este fenômeno, afirmando que:

[...] tudo isso também confirma a hipótese, já não tão nova, de que a sociedade contemporânea (dita "pós-industrial") rege-se pela midiatização, quer dizer, pela tendência à virtualização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. (SODRÉ, 2006, p. 20)

Levando isto em consideração, também é imprescindível constatar que as interações físicas e as mediadas pela tecnologia que temos no mundo físico de fato são transferidas para este ambiente virtual, à medida que não são ambientes estanques, antes estão em intersecção. A experiência, os valores e as representações que circulam são aspectos dos indivíduos, cuja manifestação se altera na interação face-a-face e na sua manifestação do preconceito na interação mediada pela tecnologia. No entanto,

podemos dizer que não é um mundo à parte, mas são espaços do cotidiano que se interceptam. Por assim dizer, esta nova configuração de relacionamento social de indivíduos também ajudou a formar “redes de ódio”, que são as comunidades nas redes sociais digitais que difundem e criam preconceitos de várias formas.

Outro ponto importante é a questão da participação, que consideramos como ativa e passiva nesse ambiente virtual. Definimos anteriormente como o indivíduo se insere nestas comunidades virtuais, construindo-as como extensão das suas comunidades físicas. Neste momento, é preciso definir a sua participação nestes ambientes distintos.

A partir de Bauman (2003), entendemos que a própria noção de comunidade fala de convivências humanas em tempos de globalização. No início de um dos seus trabalhos, Bauman convida-nos a refletir sobre a ideia da comunidade e não apenas em termos linguísticos ou semânticos, mas também como uma ideologia.

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra „comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que „comunidade” signifique, é bom „ter uma comunidade”, „estar numa comunidade”. (BAUMAN, 2003, p. 6)

De antemão, como afirma o autor, compreendemos ideia de comunidade e sua formação como algo positivo, ligado à ideia de coletividade. Porém, se formos criticamente analisar o sentido da comunidade hoje em dia, sobretudo pela perspectiva deste estudo, que se refere às comunidades virtuais, podemos ver que também há situações em que comunidades se estruturam em prol de algo que pode ser ruim no reconhecimento do outro ou, mais especificamente, pelo desrespeito aos direitos humanos, por exemplo.

Constatamos que os integrantes das comunidades virtuais são participantes passivos à medida que, ao aderir às regras da comunidade, concordam com as mensagens que são difundidas. Além disso, existe a possibilidade de internalização das mensagens publicadas, ao entrar em contato com elas e com os seus produtores dentro do espaço da rede social digital. No caso das redes de ódio, devido a essa possibilidade, acredita-se que as mensagens de ódio e preconceito sejam compartilhadas também no espaço do vivido, no cotidiano, e se manifestam pelos atos violentos de caráter físico ou simbólico.

A página #Orgulho de ser Hetero

O objeto de estudo em questão é a *fanpage* do #Orgulho de ser Hetero na mídia social *Facebook*. Essa é uma rede social digital criada por Mark Zuckerberg, em 2004, que funciona como um espaço virtual para conectar usuários por meio de perfis e comunidades. Hoje, o *Facebook* é uma das maiores redes sociais no mundo, conectando mais de um bilhão de usuários; e o Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos nessa mídia social, cerca de 70,5 milhões. (AHMAD, 2015).

A página #Orgulho de ser Hetero tem quase dois milhões de curtidas, além de crescimento constante de novas curtidas. Esses participantes por consequência são aqueles que curtem a *fanpage* para receber as informações disseminadas pela mesma no seu *newsfeed*⁶.

Para mapear e estudar a participação dos integrantes da página, realizamos uma pesquisa, com a finalidade de obter dados a respeito e organizar as postagens da página. Para extrair esses dados e analisá-los, realizamos a primeira fase da análise da página lançando mão da ferramenta de extração de dados da Internet *NetVizz* (Rieder, 2013)⁷. Os dados extraídos compreendem o período de 01/01/2014 até 30/11/2014.

Após os dados serem extraídos da rede social, foi necessário convertê-los e colocá-los em planilhas. Foram gerados dois arquivos, que relacionam todos os comentários com estatísticas das últimas 999 postagens da *fanpage*. No entanto, separamos as postagens mais comentadas (Tabela 1) e mais curtidas (Tabela 2). Dessa forma, foi possível identificar as cinco postagens mais comentadas nessa *fanpage*, dentro do período estudado: são duas imagens e três vídeos, conforme segue.

Tipo	Publicação	Data e horário	Likes	Comentários	Compartilhamentos	Likes dos comentários
------	------------	----------------	-------	-------------	-------------------	-----------------------

⁶ O *newsfeed* (feed de notícias) de um usuário do Facebook é o espaço em que ele recebe todas as informações da rede social. Neste espaço, ele pode ver as postagens dos seus amigos, das páginas que ele segue e de anúncios.

⁷ A extração de dados foi feita pela equipe do Laboratório de Engenharia de Software, do Instituto de Ciências Exatas e Naturais da UFPA (LABES/UFPA), cuja pesquisa é coordenada pelo professor Rodrigo Quites Reis, a quem agradecemos pela parceria

Foto	Marque seu amigo que está precisando disso!	18/07/14 06:48	15402	32824	6932	9209
Vídeo	Pixador tem a cara pintada após ser pego por policiais	24/03/14 21:00	21242	9644	29898	15890
Vídeo	Pra vc ver o tanto de gente sem noção que existe dirigindo por aí...	04/04/14 15:30	16797	8799	50938	4059
Foto	A ppk assassina (O brinquedo assassino)	20/03/14 05:16	2140	8562	897	8247
Vídeo	Marque aquele seu amigo que vai ser trollado agora.	21/03/14 21:27	1379	8549	4955	2177

Tabela 2: Publicações mais comentadas da página #Orgulho de ser Hetero

Além disso, foi possível identificar as cinco postagens mais curtidas nessa *fanpage*, dentre as quais cinco imagens. As informações estão detalhadas abaixo.

Tipo	Texto	Data publicação	Likes	Comentários e respostas	Compartilhamentos	Likes dos comentários
Foto	#Orgulho de ser Hetero added a new photo.	01/09/14 17:21	50964	3393	17536	5618

Foto	#Orgulho de ser Hetero added a new photo.	28/10/14 21:07	46133	1905	25182	5355
Foto	HAHAH	08/11/14 20:59	45614	1720	10010	3276
Foto	Bons tempos! Kibei esta porra do O Macho Alpha	13/10/14 21:33	45460	2638	14700	1999
Foto	#Orgulho de ser Hetero added a new photo.	07/10/14 23:27	43249	1486	11581	2624

Tabela 2: Publicações mais “curtidas” da página *#Orgulho de ser Hetero*

Na leitura desses dados capturados, verificamos que existe uma enorme diferença entre as participações ativa e passiva entre os integrantes da página. O principal elemento usado para mediar esta participação é a publicação de discursos preconceituosos pelos integrantes da página. Esses integrantes a que nos referimos como participantes ativos são indivíduos que demonstram uma preocupação enorme em legitimar o espaço da comunidade e de fortalecer o direito dos indivíduos que compartilhem da mesma reflexão e pensamento por meio de curtidas, compartilhamentos, comentários e criação de novos conteúdos. Esta participação ativa faz com que os integrantes da página se sintam parte de uma comunidade que partilha valores e ideias, parte daquilo que Sodré chama de “forma de vida de um grupo social específico” (2006, p. 46). Assim emerge a eticidade, bem como se produz uma espécie de “unidade dinâmica de identificações do grupo, que é o seu modo de relacionamento com a singularidade própria, isto é, a cultura; aí atuam as formas simbólicas que, historicamente, orientam o conhecimento, a sensibilidade e as ações dos indivíduos.” (SODRÉ, 2006, p.46).

A relação entre o número de pessoas que curtem a página e que efetivamente participam dos discursos publicados é muito importante. Das 999 postagens extraídas, as cinco postagens acima mostradas receberam um alto nível de engajamento. Porém,

em contrapartida, existem muitas outras postagens que não tiveram o mesmo ou quase nenhum grau de engajamento. Por meio desta constatação, observe-se de que há uma maioria dos integrantes da página que são passivos, uma vez que o número das pessoas que fazem parte da página *#Orgulho de ser Hetero* é consideravelmente maior do que as pessoas que ativamente endossam, compartilham e contribuem com os discursos da “rede de ódio”. Porém, não diminui-se o fato de que esses discursos de ódio são alarmantes e é necessário haver um esforço para mapear e analisar o comportamento dos usuários das redes sociais que difundem esses preconceitos, a fim de compreender o fenômeno e suas repercussões, sobretudo em seus aspectos danosos e negativos.

Considerações finais

O uso de programas de extração de dados da Internet é uma técnica relevante para os estudos de Comunicação, devido a permitir possibilidades de analisar informações em grandes quantidades e também de mapear e estudar comunidades e os comportamentos dos seus usuários.

A partir da leitura desses dados e da explanação sobre os preconceitos e as dinâmicas que permeiam a página do *Facebook*, *#Orgulho de ser Hetero*, identificamos o reforço de ideologias hegemônicas, e o que, a partir das ideias de Barthes (2009), podemos caracterizar como o agravamento do mito, tratando-se, além da difusão do preconceito e adesão, do reforço dessas ideologias dominantes em relação à raça, à sexualidade e à condição social de maneira enfática e “des-historicizada”. Processo que não só se dá no âmbito das interações face-a-face, mas também nas interações em ambiente virtual. Assim, detectamos por meio das curtidas, compartilhamentos, comentários das mensagens, os estereótipos e preconceitos criados sobre os grupos, tidos como minorias sociais, fazendo com que o preconceito e a opressão se tornem visíveis, gerando violência simbólica.

Quanto mais conectadas estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais. E é essa capacidade da conversação de transcender o grupo que a iniciou, navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a

audiência e a participação dos demais que caracteriza as conversações em rede. (RECUERO, 2012, p. 4).

Esse tipo de realidade destaca a necessidade de problematizar sobre a natureza desses preconceitos e os seus impactos no âmbito social e histórico, necessidade calcada no que diz Recuero (2014) sobre as intersecções, à medida que é possível dizer que todos “esses discursos já estão na sociedade, eles apenas são ‘abafados’ Quando as pessoas se reconhecem em um grupo, que compartilham do mesmo pensamento, elas se sentem à vontade de exteriorizar aquilo, pois sabem que não haverá julgamentos” (RECUERO, 2014).

Deste modo, é essencial elaborar uma reflexão necessariamente crítica sobre esses discursos de ódios e preconceitos, à medida que esse espaço de mediação se prova um ambiente de tensionamentos, mas também de reforços a ideologias dominantes, em que os processos de “radicalização [são] ocasionados pela hiperconexão dos sites de rede social e pelos mecanismos de informação hoje” (RECUERO, 2014), pois vivemos em um mundo de conexões.

Referências

AHMAD, Irfan. Fascinating #SocialMedia Stats 2015: Facebook, Twitter, Instagram, Google+. Jan. 2015. **Digital Information World**. Disponível em: <<http://www.digitalinformationworld.com/2015/02/fascinating-social-networking-stats-2015.html>> Acesso em: 05 jan. 2015.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. 2003.

CARRARA, Sérgio; VIANA, Adriana R. B. “As vítimas do desejo”: os tribunais cariocas e a homossexualidade. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

DABHOIWALA, Faramaz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual**. Tradução: Rafael Montavani. São Paulo: Globo, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 1. vol. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Brasil e síntese de indicadores 2013**.

2014. Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000018851209112014124618639859.pdf>> Acesso em: 03 dez.

2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades**. v. 1, n. 1, jul./dez., 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo. Cultrix, 1964.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; SOUZA, Tatiana Ribeiro. Violência e modernidade. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena: EdUEMG, 2011.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NÓBREGA, Livia de Pádua. A construção de identidades nas redes sociais. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

RECUERO, Raquel. A questão do ódio nos sites de rede social. **Raquel Recuero.com**. Nov.

2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2014/10/a-questao-do-odio-nos-sites-de-rede-social.html>> Acesso em: 03 dez. 2014.

_____. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. **Raquel Recuero.com**. 2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2014.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application. Annual ACM Web Science Conference, 5. **Proceedings...** Pages 346-355, ACM New York, NY, USA, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Traduções: Carlos Frederico Moura, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.